

AS MODERNIDADES DE ROBERTO SCHWARZ

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i41p68-82>

Fabio M. Querido

RESUMO

Roberto Schwarz é conhecido pelo modo como, por meio da crítica da literatura e/ou da cultura brasileira, apresentou um diagnóstico relativamente original do processo de formação nacional. Para isso, mobilizou uma noção de modernidade que, na visão de alguns críticos, pecaria por excesso de idealização, estabelecendo-se como parâmetro a partir do qual eram identificadas as “ausências” do Brasil “real”. Schwarz oscilaria, assim, entre cosmopolitismo e nacionalismo, exatamente a antinomia que havia buscado superar. Sem descartar a eventual pertinência destas críticas, o artigo defende a hipótese de que, se, de fato, Schwarz lança mão de uma noção *ideal* das ideologias modernas, em especial do liberalismo, é porque ele as toma, em perspectiva materialista, como “conceitos” a serem tencionados com a objetividade histórico-social, no âmbito de uma crítica que se pretende “imaneente”. O importante, para o autor, é explorar os desajustes entre a teoria e a prática das elites brasileiras, decalagem que seria relevadora do tipo de dominação ideológica — em “segundo grau” — e material estabelecida no país a partir do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Roberto Schwarz; crítica imaneente; modernidade; cosmopolitismo; nacionalismo.

ABSTRACT

Roberto Schwarz is known for the way in which, through his criticism of Brazilian literature and/or culture, he presented a relatively original diagnosis of the process of national formation. To this end, he mobilized a notion of modernity that, in the view of some critics, was excessively idealized, establishing itself as a parameter from which the “absences” of the “real” Brazil were identified. Schwarz thus oscillated between cosmopolitanism and nationalism, precisely the antinomy he had sought to overcome. Without ruling out the possible relevance of these criticisms, the article defends the hypothesis that, if, in fact, Schwarz uses an ideal notion of modern ideologies, especially liberalism, it is because he takes them as “concepts” to be tense with historical-social objectivity, within the scope of a critique that claims to be “immanent.” The important thing, for the author, is to explore the mismatches between the theory and practice of the Brazilian elites, a gap that would reveal the type of ideological domination — in the “second degree” — and material established in the country from the 19th century onwards.

KEYWORDS: Roberto Schwarz; immanent criticism; modernity; cosmopolitanism; nationalism.

Apresentação

Roberto Schwarz é frequentemente associado à tradição crítica paulista, quer seja aquela ligada ao marxismo oriundo do “Seminário d’*O Capital*”, ou a materializada na figura de Antonio Candido. No limite, Schwarz é visto como um autor que soube articular as duas vertentes, juntando história social e crítica literária numa mesma interpretação da formação nacional brasileira. O veredicto não é incorreto. Ele traça alguns dos contornos mais gerais do pensamento do autor. Mas conta apenas uma parte da história.

Na verdade, Schwarz faz mais do que “articular” ou “combinar” sociologia e literatura, marxismo e crítica, Fernando Henrique Cardoso ou Fernando Novais e Candido. Ele os eleva a um novo patamar — não sem recorrer a autores que não estavam no radar do marxismo paulista, como o “velho” Lukács, Brecht, Adorno e/ou Benjamin —, num movimento crítico cuja primeira expressão é o conhecido ensaio “As ideias fora do lugar”, redigido no exílio francês, em 1972. Ali começava a se esboçar de fato, não exatamente uma nova interpretação, no sentido *sistemático*, mas sim um novo *diagnóstico* do processo de formação da sociedade brasileira.

O objetivo deste ensaio é discutir as especificidades deste “novo” diagnóstico a partir de uma questão central que atravessa a crítica schwarziana, a saber: o modo como ele mobiliza a noção (originalmente europeia) de modernidade a fim de, por meio da literatura e/ou da cultura, compreender as singularidades do caso brasileiro. Em outras palavras: trata-se de apreender a noção (ou as noções) de modernidade subjacente à

crítica de Schwarz do Brasil dos séculos XIX e XX, crítica que se pretende distante tanto do nacionalismo metodológico quanto do cosmopolitismo abstrato.

A hipótese é a de que, se é verdade, como destacam alguns críticos, que Schwarz lida com uma concepção *ideal* da modernidade, e, em especial, das ideologias modernas, a maneira como ele as mobiliza, em ato, revela acima de tudo uma preocupação materialista com a objetividade histórico-social das ideias. Assim, se as ideias liberais/modernas, no seu *conceito*, são tomadas como elemento explicativo relevante, é porque elas serviram como cobertura ideológica para a ação das burguesias europeias e, por consequência, das elites brasileiras. Nos dois casos, no centro e na periferia, o mais importante, para Schwarz, na esteira da *crítica imanente*, que ensina a confrontar *conceito* e *realidade*, são os “desajustes” entre a teoria e a prática das classes dominantes, desajustes que, em si, seriam sintomáticos — como uma forma “objetiva” — do tipo de dominação ideológica estabelecida: em *primeiro* ou em *segundo grau*.

Modernidades

Decisiva no seu dispositivo crítico, sem que jamais seja definida em termos abstratos, a noção de modernidade é também um dos pontos mais questionados do pensamento schwarziano. Ainda em meados dos anos 1970, Maria Sylvia de Carvalho Franco, por exemplo, acusou Schwarz de, na linha da teoria da dependência, trabalhar com uma concepção positiva da modernidade, marcada pela “adequação” entre realidade e ideologias, em face da qual as ideias liberais-modernas só poderiam aparecer, no Brasil, como estando “fora do lugar”¹.

Com essa perspectiva à *l'esprit*, Schwarz não estaria tão longe quanto gostaria do que, quase na mesma época, Francisco de Oliveira chamara de “razão dualista”, mirando em Celso Furtado e na tradição cepaliana — mas também, em certa medida, em F. H. Cardoso². Afinal de contas, o seu horizonte analítico seria formado por uma noção geral de modernidade que, no contexto brasileiro, aparece como deficitária, ponto de partida (e de chegada) que impediria a compreensão da nossa modernidade *realmente existente*, com suas ideias e ideologias correspondentes, quer dizer, no seu devido lugar. De maneira mais discreta, mas não menos incisiva, Marilena Chaui fez apontamentos

¹ Maria Sylvia de Carvalho Franco, “As ideias estão no lugar”. *Cadernos de Debate*. São Paulo, n. 1, 1976, p. 61-4.

² Francisco de Oliveira, “A economia brasileira: crítica à razão dualista”. *Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 2, 1972, p. 4-82.

semelhantes, nos anos 1970 e 1980, ao que identificou como pensamento das “ausências”, das “incompletudes”, em que tudo estaria “fora do lugar”, a começar pelas classes sociais, que seriam assim relegadas ao segundo plano explicativo³.

A partir de perspectivas distintas, outros autores também argumentaram que a idealização schwarziana da modernidade (do centro) acabaria por se desdobrar numa fixação nas singularidades da formação social brasileira⁴. É como se o próprio Schwarz não escapasse da dicotomia entre nacionalismo e cosmopolitismo contra a qual ele se voltaria num ensaio como “Nacional por subtração”, de 1986⁵. Universalista na sua petição de princípio *modernista*, Schwarz se dobraria, num paradoxo apenas aparente, à obsessão da intelligentsia brasileira com a *má-formação nacional*.

Tais críticas são interessantes, tocando em pontos sensíveis da perspectiva schwarziana. De fato, Schwarz se inscreve na tradição brasileira de interpretação do processo de formação nacional, como destaca Paulo Arantes, que o descreve como o último representante de sua vertente crítica. Ao mesmo tempo, Schwarz não abdica do diálogo permanente com uma literatura dialética interna (a dos autores do Seminário, em especial F. H. Cardoso e F. Novais) e externa (o marxismo “ocidental” europeu). Para ele, uma coisa não vai sem a outra. O horizonte universalista é assim nacionalizado, traduzido a partir da matéria local, ao passo que a nação é tomada como uma peça da engrenagem do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo global.

Ora, é justamente essa imbricação dialética entre o nacional e o internacional que desagradou os dois polos: Schwarz é visto como muito cosmopolita (europeu) para os partidários da singularidade irreduzível do Brasil, e como excessivamente nacionalista para os defensores de uma *démarche* universalista, para os quais o tratamento de temas como dependência, periferia, para não falar de subdesenvolvimento, deslocam o foco do que é essencial: a análise da sociedade brasileira moderna (sem mais), em particular dos seus antagonismos de classe.

³ Cf. Marilena Chaui & M. S. de Carvalho Franco. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra/Cedec, 1978; M. Chaui. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In: *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte/São Paulo, Autêntica/Perseu Abramo, 2014 [1978]; e M. Chaui. *Seminários: o nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

⁴ Ver, por exemplo, Sergio Tavolaro. “A Tese da Singularidade Brasileira Revisitada: Desafios Teóricos Contemporâneos”. *Dados* — Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: v. 57, n. 3, 2014, p. 633-673.

⁵ Roberto Schwarz. “Nacional por subtração”. *Folha de S.Paulo*, 7 jun. 1986. “Ilustrada”.

O lugar das ideias ou as ideias do lugar

Schwarz é conhecido pelos títulos provocadores. O objetivo é instigar no/a leitor/a um sentimento de estranhamento, no sentido brechtiano, estimulando a reflexão crítica. Não raro, porém, eles acabam por suscitar a apreensão como tese daquilo que, na verdade, se pretende uma indagação. O caso mais emblemático é o do ensaio “As ideias fora do lugar”, publicado quase simultaneamente na França e no Brasil, em 1972 e 1973, respectivamente⁶. Era o segundo texto redigido na França, onde havia se exilado em 1969, no contexto da segunda onda do exílio brasileiro no país europeu: enquanto a primeira, após o golpe de 1964, fora marcada pela chegada de políticos e de intelectuais de oposição renomados como Celso Furtado, a segunda se caracteriza por uma dimensão mais ampliada, atingindo diretamente a Universidade e setores das classes médias intelectualizadas.

O ensaio é a primeira materialização do grande projeto da vida de Roberto Schwarz: o estudo sobre Machado de Assis, cujos romances seriam tomados como objetivações formais — na linha de Adorno e de Candido, autores que aproxima até quase fusioná-los numa mesma perspectiva — da história social brasileira do século XIX. O ensaio fora pensado, portanto, como uma espécie de armadura histórico-social sob a qual seria possível analisar a elaboração, por Machado, de sua forma literária. Na época, Schwarz tinha em linha de mira o “segundo” Machado, em quem vislumbrava uma solução formal para o tratamento de aspectos da (má)formação brasileira. No entanto, na sua tese de doutorado, defendida na França em 1976 — após uma série de peripécias ligadas a um dos membros da banca, que se recusara a aprovar o trabalho, antes de se demitir da função diante da persistência do candidato⁷ —, a análise se restringiu a José de Alencar e ao “primeiro Machado”. Em 1977, quando Schwarz já estava de volta ao Brasil, a tese foi publicada em livro com o conhecido título *Ao vencedor as batatas*⁸.

Como havia feito com o ensaio “Cultura e Política: 1964-1969”, redigido alguns meses depois de sua chegada na França, Schwarz enviou o texto para ser avaliado pela revista *Les Temps Modernes*⁹. Desta vez, porém, o ensaio foi rejeitado, após parecer

⁶ Roberto Schwarz. “As ideias fora do lugar”. *Estudos Cebrap*. São Paulo. n. 3, 1973.

⁷ Roberto Schwarz. “Peripécias de um doutoramento [Carta a Antonio Candido, Paris, 1o jul. 1976]”. In: *Seja como for*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2019, p. 425-39.

⁸ Roberto Schwarz, *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34, 2000 [1977].

⁹ Roberto Schwarz. “Remarques sur la culture et la politique au Brésil, 1964-1969”. *Les Temps Modernes*. Paris, n. 288, 1970, p. 37-73.

negativo de Simone de Beauvoir, para quem ele caía “*comme un cheveu sur la soupe*” [como um fio de cabelo na sopa] na *Temps Modernes*¹⁰. Em 1972, graças à intermediação de Michael Löwy, o texto foi editado pela revista *L’Homme et la Société*, com o título “Dépendance nationale, déplacement d’idéologies, littérature : sur la culture brésilienne au XIXème siècle”¹¹. Na tese, em que é alocado como capítulo inicial, o ensaio aparece com o título — escolhido por Schwarz — “Des Idées en porte-à-faux”, que indicava uma posição de desequilíbrio, ou uma situação falsa. O recurso à expressão “en porte-à-faux” revelava, assim, a dificuldade de verter a fórmula original para o francês sem comprometer o significado almejado pelo autor. Se vertida em sentido literal (“*Les Idées hors de place*”), sem dúvida a fórmula não teria o impacto metafórico pretendido.

Seria apenas em 1990 que Schwarz publicaria o estudo dedicado ao segundo Machado, *Um mestre na periferia do capitalismo*¹². “As ideias fora do lugar” constitui, portanto, o primeiro passo de um trabalho que perduraria por 18 anos (ou mais), ao longo dos quais ele foi elaborando — simultaneamente às importantes transformações da sociedade, da cultura e da política brasileira no período — o núcleo duro de uma interpretação não apenas da literatura de Machado de Assis, mas também, por meio dela (assim como de outras manifestações culturais), da formação social nacional.

No ensaio, Schwarz demonstra as consequências, no plano ideológico, do modo como o Brasil se tornou independente, em 1822. Sem romper com a estrutura econômico-social escravagista, mas com os olhos voltados às ideias liberais-modernas europeias, notadamente francesas, as “novas” elites brasileiras tiveram que pensar a nação cujos contornos não eram evidentes. Era preciso vislumbrar como uma *comunidade imaginada* um país que viera ao mundo originalmente como uma colônia de exploração voltada à acumulação do capitalismo comercial/mercantil que se desenvolvia na Europa, como haviam destacado Caio Prado Jr. e Fernando Novais¹³. Nesse cenário, era objetivamente inevitável que o nosso horizonte nacional fosse

¹⁰ Fabio M. Querido, “Entrevista com Roberto Schwarz”. *Margem Esquerda*, n.40. Schwarz voltaria a publicar na *Temps Modernes* em 1987: “Culture nationale par soustraction”. *Les Temps Modernes*. Paris, n. 471, 1987.

¹¹ Roberto Schwarz, “Dépendance nationale, déplacement d’idéologies, littérature : sur la culture brésilienne au XIXème siècle”. Tradução: Anne-Marie Métaillé. *L’Homme et la Société*, n.26, 1972, pp.99-110.

¹² Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo, Duas Cidades/Editora 34, 2000 [1990].

¹³ Caio Prado Jr., *Formação do Brasil contemporâneo: Colônia*. 6. ed., São Paulo, Brasiliense, 1961; Fernando Novais, *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. 2. ed., São Paulo: Hucitec, 1981.

concebido à luz de noções construídas sob a experiência de formação das nações (não de todas) do chamado velho continente.

Aqui reside a explicação materialista do “desajuste” identificado por Schwarz: por sua condição de classe, as elites brasileiras só podiam conceber a nação “por subtração”, quer dizer, por comparação àquilo que (ainda) nos faltava em relação a uma perspectiva nacional vista como “ideal”. O problema estava, então, não nas ideias em si, mas, antes, na sociedade à qual elas deveriam representar, que seja sob uma forma ideológica. Em outras palavras: eram as elites que, por sua situação objetiva, assim como por suas disposições subjetivas, idealizavam uma certa modernidade, ao mesmo tempo em que jamais poderiam alcançá-la na sua plenitude, contentando-se com uma vigência “em segundo grau” das ideologias modernas. Daí a sensação de que elas por vezes giravam em falso (em “*porte-à-faux*”), *como se* estivessem “fora do lugar”, ainda que, na prática, elas correspondessem à parte do latifúndio que nos cabia no sistema-mundo em formação.

Assim, se é verdade, como sugere Maria Sylvia de Carvalho Franco, que não há ideias que não estejam ancoradas em um “lugar” determinado, o ponto é como essa relação se estabelece num país cujas elites — que, até meados do século XX, dominavam a cena intelectual — foram “obrigadas”, por solidariedade de classe, se quisermos, a “imitar” ideologias externas, traduzindo-as na medida do possível para a realidade local. E como poderia ser diferente, argumenta Schwarz, uma vez que se tratava de uma vida ideológica gestada em meio à relação de “favor” — a nossa “mediação quase universal” — entre as elites e os “homens livres” e “dependentes”¹⁴?

Para Carvalho Franco, as ideologias funcionam, no Brasil, como em qualquer outro país capitalista, recobrando num discurso coerente às contradições da realidade que lhes correspondem. Ao inserir mais uma mediação — nacional/periférica —, Schwarz desvirtuaria a análise do que, efetivamente, é essencial: o modo como o capitalismo avançou no país subordinando (quase) tudo ao seu redor, inclusive a escravização, por ela designada como uma simples “instituição”. Ora, se de fato o Brasil sempre esteve submetido às necessidades de desenvolvimento do capitalismo

¹⁴ Como se sabe, a principal referência schwarziana em relação ao tratamento da situação dos “homens livres”, assim como das relações marcadas pela personalidade do “favor”, é justamente a tese de Carvalho Franco, *Homens livres na ordem escravocrata*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1976.

ascendente, o que, aliás, Schwarz afirma sem rodeios, na linha de Prado Jr. e de Novais, o problema é o papel subalterno aí ocupado pelo país.

Essa história não pode ser descartada por um golpe de força intelectual. Uma coisa é tomar o passado, como diria Marx, como um eterno fardo que pesa sobre a cabeça dos vivos, ou seja, como um “atraso” que travaria o nosso progresso moderno. Outra bem diferente é, sob pressuposto do combate a esse dualismo, simplesmente denegar a experiência histórica brasileira, apelando, aí sim, para uma concepção abstrata e, nesse sentido, idealizada do capitalismo. Como indica Schwarz num dos seus ensaios fundamentais, “Nacional por subtração” — uma “verdadeira pérola”, segundo Michael Löwy¹⁵ —, o cosmopolitismo nunca foi, no Brasil e na América Latina, uma alternativa ao nacionalismo metodológico. Nem um nem outro dão conta do entrelaçamento dialético (não dualista) entre o local e o universal, quer dizer, entre as especificidades do país periférico e a globalidade do capitalismo.

Não se trata, portanto, como sugeriu Francisco Weffort a propósito dos estudos da dependência de F. H. Cardoso¹⁶, ou Carvalho Franco e, mais implicitamente, Marilena Chaui sobre Schwarz, de deslocar a centralidade das classes sociais, acrescentando a mediação nacional, como se tratasse de um jogo de soma nula: o que se confere a um polo é retirado do outro. Num país como o Brasil, o problema é nacional e de classe ao mesmo tempo, sem que isso signifique (não necessariamente) qualquer adesão ao nacionalismo político. É porque as classes dominantes se comportavam como uma elite desconectada de toda consideração efetiva sobre o destino do restante do país que a forma como se apropriavam das ideias modernas parecia deslocada, “fora do lugar”.

Nas palavras de Schwarz: “A feição ‘copiada’ de nossa cultura resulta [...] de formas de desigualdade brutais a ponto de lhes faltarem mínimos de reciprocidade — o denominador comum ausente — sem os quais a sociedade moderna de fato só podia parecer artificial e ‘importada’. O descaso impatriótico (adotada a ideia de nação que era norma) das classes dominantes pelas vidas que explorava e tornava estrangeira em seu próprio juízo... A origem colonial e escravista destas causas salta aos olhos”¹⁷.

¹⁵ Carta de Michael Löwy a Roberto Schwarz, Paris, 4 de janeiro de 1988. Arquivos pessoais de Michael Löwy.

¹⁶ Francisco Weffort, “Nota sobre a ‘teoria da dependência’: teoria de classe ou ideologia nacional?” *Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 1, 1971, p. 1-24. Ver também a réplica de F. H. Cardoso, “Teoria da dependência” ou análises concretas de situações de dependência. *Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 1, 1971.

¹⁷ Roberto Schwarz, “Nacional por subtração”, *Folha de S.Paulo*, cit., p. 67.

Modernidade (inter)nacional e popular

Estamos diante, assim, da velha luta de classes, com a particularidade de que, aqui, ela é condicionada pela experiência histórica de um país periférico em meio ao desenvolvimento desigual e (bem mal) combinado do capitalismo. A singularidade de Schwarz no âmbito da “tradição crítica paulista”, seja em relação à “teoria” da dependência de Cardoso ou em face da tomada-de-posição universalista de Carvalho Franco ou de Chauí, reside na maneira como ele retoma esse debate a partir da ótica literária e/ou cultural — experiência por meio da qual ele submete à crítica a sociedade brasileira. Foi esse desvio pela literatura/cultura que tornou possível a Schwarz escapar não apenas do cosmopolitismo abstrato, com sua modernidade sem adjetivos, mas também - e é aqui que Carvalho Franco erra o alvo — dos resquícios de uma sociologia da modernização que, via Florestan Fernandes, ainda estava presente nas análises de Cardoso, nas quais, embora empiricamente articulados, capitalismo e escravidão, ou centro e periferia, aparecem como uma contradição lógica¹⁸.

Ao contrário do que sugere Carvalho Franco, Schwarz faz muito mais do que transplantar a questão da dependência para o plano da cultura¹⁹. À diferença da dependência econômica, a “imitação” cultural à qual os intelectuais e artistas estavam destinados não raro os impulsionou a buscar formas inovadoras, que, ao serem traduzidas sob novas condições históricas, tornavam possível uma mirada crítica não apenas da periferia, senão também do centro do sistema. É aqui que o Machado de Assis *de Schwarz* — como o Baudelaire *de Benjamin* — ganha toda a sua relevância crítica. Ali onde o poeta francês era “um lírico no auge do capitalismo”, o escritor brasileiro era “um mestre na periferia do capitalismo”²⁰.

Como se sabe, Schwarz entreviu na figura do narrador elaborada pelo último Machado, aquele que se inicia com as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma formalização (ou “objetivação”) literária do comportamento das elites brasileiras da segunda metade do século XIX. A “volatilidade” do narrador machadiano correspondia ao vai-e-vem descomplexado das elites a um só tempo liberais e escravagistas, e que ainda se beneficiavam das “relações de favor” estabelecidas com os homens “livres”. Daí

¹⁸ Paulo Arantes, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p.79-81.

¹⁹ Ver Fabio M. Querido, “A dependência entre economia e cultura”. In: *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas*. São Paulo: Boitempo, 2024, p.185-193.

²⁰ Ver Fabio M. Querido, “Da periferia ao centro: afinidades antiburguesas”. In: *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas*, cit., sobretudo p.196-204.

a ideia de uma ideologia funcionando em “segundo grau”: ao passo que na Europa a ideologia liberal, reivindicando a igualdade formal de um contrato entre iguais, camuflava o segredo da produção de valor — a exploração do trabalho —, no Brasil oitocentista o liberalismo servia, antes, como um elemento legitimador das classes dominantes diante dos seus pares europeus, sem que isso incidisse diretamente, em todas as suas consequências, nas suas relações com o conjunto da sociedade brasileira, notadamente com as classes populares.

O foco na crítica das elites não significa, então, uma idealização das elites modernas/europeias. Ele visava, na verdade, a sublinhar a impossibilidade, que se confirmara no século XX, em especial após o golpe de 1964, de que o Brasil pudesse percorrer o mesmo trajeto histórico levada a cabo pela burguesia francesa ou inglesa. Nesse cenário, era preciso, para Schwarz, repensar a problemática nacional a partir do ponto de vista das classes subalternas, ótica a partir da qual se tornava possível averiguar os limites da nossa modernização burguesa, não no sentido de uma mera “incompletude”, e sim na medida em que o aparente “atraso” era nada mais do que uma das facetas da nossa integração moderna.

Assim como Gramsci, autor que manteve distante do seu repertório, Schwarz acredita que é somente através da perspectiva das classes dominadas que a dimensão nacional-periférica pode ser efetivamente compreendida, sem qualquer idealização, assim, de sua eventual plenitude burguesa²¹. Para Gramsci, vale lembrar, num país então periférico como a Itália, cujas elites também se inclinavam para um cosmopolitismo “fora do lugar”, o proletariado era a única classe efetivamente “nacional”. É desta perspectiva que o próprio marxismo — ele próprio também originalmente “fora do lugar” na Itália ou no Brasil — poderia ser repensado “a partir das contradições locais”, como indica Schwarz²². Se às classes dominantes interessava absorver e imitar as ideologias modernas ao mesmo tempo em que mantinham intactas a vida social no

²¹ Para uma análise dos condicionantes intelectuais e políticos que levaram a esse “desencontro” entre Schwarz e Gramsci, ver Fabio M. Querido, “Democrático-popular, nacional, porém negativo: as antinomias de Schwarz nos anos 1980”. In: *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas*, cit., sobretudo p.180-185.

²² Roberto Schwarz, “Cuidado com as ideologias alienígenas”. In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1976], p. 143.

“Brasil real”, seria do interesse das classes dominadas “se aferrar à problemática local e fazer com que ela apareça”²³.

Um conceito crítico-negativo

Como se observa, a modernidade aparece, em Schwarz, a um só tempo como horizonte idealizado do ponto de vista das elites e como horizonte a ser subvertido, concretamente, pelas classes populares, para as quais ela será (inter) “nacional” e “popular” ou não será. Como escreve Gramsci, em palavras que poderiam ser subscritas por Schwarz: “A relação ‘nacional’ é o resultado de uma combinação ‘original’ única [...], que deve ser compreendida e concebida nesta originalidade e unicidade se se quer dominá-la e dirigi-la. [...] O desenvolvimento é no sentido do internacionalismo, mas o ponto de partida é ‘nacional’, e é deste ponto de partida que se deve agir”²⁴.

Politicamente, a despeito de suas críticas retrospectivas, Schwarz entreviu ao longo de sua trajetória duas pequenas frestas que se abriram à possibilidade de uma transformação da modernidade “nacional” num sentido “popular”: no período que antecede o golpe de 1964, em que parecia plausível, no contexto da segunda revolução industrial, um salto desenvolvimentista e democratizante; e, em menor medida, na virada para os anos 1980, na esteira do processo de Abertura democrática e da formação do *Partido dos Trabalhadores*. Tanto uma como a outra experiência, porém, se mostraram limitadas diante da recomposição operada pelos *de cima*, como se pôde observar, respectivamente, no golpe de 64 e na formação da Nova República.

Nesse processo, a modernização entra em “colapso”, ao mesmo tempo em que o seu discurso ideológico continua vigente. De agora em diante, como se viu no governo do ex-sociólogo marxista convertido ao neoliberalismo, “modernizar” significa adaptar o país, com suas vantagens comparativas (neo-extrativistas), aos ditames da nova ordem global. À diferença do universalismo classista de Weffort, Chaui e de outros intelectuais próximos ao PT, que desejavam, na década de 1980, subverter pela esquerda o legado varguista, assim como, é claro, o da ditadura militar, F. H. Cardoso e os seus — que

²³ Roberto Schwarz, “Nacional por subtração”. In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 39.

²⁴ Antonio Gramsci. *Cadernos do cárcere, v. 3: Maquiavel: notas sobre o Estado e a política* (trad. Luiz Sergio Henriques, Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000), p. 314.

havam fundado, em 1988, um partido pretensamente social-democrata — aderiram sem complexos ao cosmopolitismo de mercado.

É nesse sentido que, segundo Paulo Arantes, Schwarz é o último representante da “tradição crítica brasileira”. O fato de que o horizonte nacional não tenha mais saída política não significa que ele possa ser pura e simplesmente descartado, como se o imperialismo, a dependência e, enfim, a divisão centro-periferia, tivessem desaparecido²⁵. Em Schwarz, a problemática nacional-periférica permanece, assim, na sua dimensão “negativa”, no sentido dialético, tal qual uma espécie de sintoma do capitalismo contemporâneo. O mesmo pode ser dito em relação à sua visão da modernidade: da periferia, ela se revela na sua faceta mais violenta e destrutiva, o que faz com que a crítica aqui elaborada tenha um alcance mais amplo, penetrando — por meio de um dos seus elos frágeis — na lógica de funcionamento do sistema como um todo. Aqui reside, se quisermos, o “universalismo” (moderno-popular) da crítica “periférica” de Roberto Schwarz.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. São Paulo, Paz e Terra, 1992.

CARDOSO, F. Henrique. “‘Teoria da dependência’ ou análises concretas de situações de dependência”. *Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 1, 1971.

CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia de. *Homens livres na ordem escravocrata*. 2. ed., São Paulo, Ática, 1976.

_____. “As ideias estão no lugar”. *Cadernos de Debate*. São Paulo, n. 1, 1976, p. 61-4.

_____. Chauí, Marilena. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra/Cedec, 1978.

CHAUÍ, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In: *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte/São Paulo: Autêntica/Perseu Abramo, 2014 [1978].

_____. *Seminários: o nacional e o popular na cultura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

²⁵ É por essa via que Walter Mignolo destaca as afinidades (que não anulam as diferenças, bem entendido) entre as abordagens de Schwarz e da perspectiva decolonial sobre a modernidade. Ver W. Mignolo, “Colonial and Postcolonial Discourse: Cultural Critique or Academic Colonialism?”. *Latin American Research Review*, v. 28, n. 3, 1993, p.120-134.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere, v. 3: Maquiavel: notas sobre o Estado e a política*. Tradução: Luiz Sergio Henriques, Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MIGNOLO, W. "Colonial and Postcolonial Discourse: Cultural Critique or Academic Colonialism?". *Latin American Research Review*, v. 28, n. 3, 1993, p.120-134.

NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. 2. ed., São Paulo, Hucitec, 1981.

PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: Colônia*. 6. ed., São Paulo: Brasiliense, 1961.

QUERIDO, Fabio M. *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas*. São Paulo: Boitempo, 2024.

SCWARZ, Roberto. "Remarques sur la culture et la politique au Brésil, 1964-1969". *Les Temps Modernes*. Paris, n. 288, 1970, p. 37-73.

_____. "Dépendance nationale, déplacement d'idéologies, littérature : sur la culture brésilienne au XIXème siècle". Tradução: Anne-Marie Métaillé. *L'Homme et la Société*, n.26, 1972, pp.99-110.

_____. "As ideias fora do lugar". *Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 3, 1973.

_____. "Nacional por subtração". *Folha de S.Paulo*, 7 jun. 1986. "Ilustrada".

_____. "Nacional por subtração". In: *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 29-48.

_____. "Culture nationale par soustraction". *Les Temps Modernes*. Paris, n. 471, 1987.

_____. "Cuidado com as ideologias alienígenas". In: *O pai de família e outros estudos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008 [1978].

_____. "Peripécias de um doutoramento [Carta a Antonio Candido, Paris, 1o jul. 1976]". In: *Seja como for*. São Paulo, Duas Cidades/ Editora 34, 2019, p. 425-39.

TAVOLARO, Sergio. "A Tese da Singularidade Brasileira Revisitada: Desafios Teóricos Contemporâneos". *Dados - Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, 2014, p. 633-673.

WEFFORT, Francisco. "Nota sobre a 'teoria da dependência': teoria de classe ou ideologia nacional?" *Estudos Cebrap*. São Paulo, n. 1, 1971, p. 1-24.

Fabio M. Querido é professor livre-docente de Sociologia da Unicamp. Autor, entre outros livros, de *Lugar periférico, ideias modernas: aos intelectuais paulistas as batatas* (Boitempo, 2024). Correio eletrônico: fquerido@unicamp.br.